

## O QUE DIZEM AS PESSOAS COM DOENÇA RENAL CRÔNICA ACERCA DO SIGNIFICADO DO CHIMARRÃO EM SUAS VIVÊNCIAS DIÁRIAS

**EDUARDA ROSADO SOARES<sup>1</sup>**; **JULIANA DALL AGNOL<sup>2</sup>**; **AMANDA MORÁSTICO<sup>3</sup>**;  
**<sup>4</sup>ALANA DUARTE, JULIANA GRACIELA VESTENA ZILLMER<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas - [eduardarosado@bol.com.br](mailto:eduardarosado@bol.com.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - [dalljuliana@gmail.com](mailto:dalljuliana@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas - [amandamorastico@gmail.com](mailto:amandamorastico@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas - [alana\\_duarte2009@hotmail.com](mailto:alana_duarte2009@hotmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas - [juzillmer@gmail.com](mailto:juzillmer@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A doença renal crônica (DRC) caracteriza-se pela perda da função renal que ocasiona um desequilíbrio no organismo e torna-se responsável por limitar e ou restringir hábitos de vida (NATIONAL KIDNEY FOUNDATION, 2002). A partir do diagnóstico de tal enfermidade a pessoa necessita adotar novos hábitos de saúde que incluem, restrições alimentares e de líquidos. A diminuição de ingestão de líquidos, é um desafio constante visto que essa limitação está associada a retirada de uma fonte de prazer e satisfação (FORTES et al., 2013).

Diante disso, o chimarrão, considerado uma bebida típica do Rio Grande do Sul, sendo o mais tradicional símbolo do povo gaúcho, também representa satisfação aqueles que ingerem, além de ser uma demonstração de hospitalidade e amizade, sendo um *link* para muitos temas, constituindo-se em um meio importante de interação e comunicação. O mesmo foi descoberto pelos índios, propagando-se naturalmente pela América do Sul por meio dos jesuítas, atingindo então o Rio Grande do Sul e difundindo-se em muitos lares gaúchos fixando-se como uma característica do povo sul-rio-grandense (GRAEF et al., 2013). Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo conhecer o significado do chimarrão na vida diária de pessoas com doença renal crônica e descrever o que fazem para adaptar essa prática a sua condição de saúde.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de um recorte de dados de um estudo sociocultural com desenho etnográfico intitulado “Experiências e práticas de pessoas em diálise peritoneal sobre sua condição e atenção à saúde”. Realizou-se a pesquisa em um município do Rio Grande do Sul, Brasil. Para selecionar os participantes utilizou-se os seguintes critérios de inclusão: homens e mulheres em diálise peritoneal contínua ambulatorial (CAPD) a mais de seis meses, residentes em áreas urbanas e rurais e que não apresentassem dificuldade de comunicação. Diante disso, entrevistou-se 20 pessoas entre abril de 2013 e junho de 2014 com uma combinação de técnicas, fazendo uso de entrevista aberta e semiestruturada, observação do participante e consulta aos prontuários. Utilizou-se o Software Ethnograph V6 com fins de organização e gerenciamento das informações, realizou-se também análise de conteúdo convencional de acordo com a proposta de HSIEH; SHANNON (2005). Além disso, atendeu-se aos aspectos éticos da Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde do Brasil e obteve-se a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos de uma universidade federal brasileira.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pessoas com DRC concordam que é um desafio abster-se do consumo de líquidos, principalmente do chimarrão. A partir da análise que buscou conhecer os significados atribuídos pelas pessoas com doença renal crônica ao chimarrão, foram construídas quatro categorias, as quais serão apresentadas a seguir.

#### **O chimarrão como um vício.**

Nos relatos das pessoas com DRC foi possível constatar que o chimarrão é sentido por muitos como um vício difícil de “largar”. Observou-se também algumas reações como o desespero na descoberta de que não poderiam mais tomar a bebida e até mesmo reações no organismo, como dores de cabeça, associadas a ausência do chimarrão.

*“ [...]Aí começaram a me dizer, no começo me assustaram; “olha tu não pode tomar chimarrão, tu não pode tomar água [...], eu, meu Deus do céu, eu viciada em chimarrão, eu digo: o que que vai ser de mim? Eu vivo com uma garrafa da água tomando [...] sou viciada em chimarrão, se eu não tomo me dói até cabeça [...]. Julia*

Nesse sentido, ROSO et al. (2013) constatou que a decisão de cuidar de si requer determinação e comprometimento, pois mesmo alguns hábitos sendo prazerosos necessitam ser renunciados e novas possibilidades de satisfação devem ser buscadas. Diante disso, apesar de costumes muitas vezes enraizado no cotidiano dessas pessoas, ao ponto da ausência trazer dores, quando a pessoa começa a conviver com o fato da redução da ingestão de líquidos, ela percebe que é possível construir novos hábitos em prol de uma melhora na sua condição de saúde.

#### **O chimarrão é necessário**

Evidenciou-se que as pessoas com DRC consideram o chimarrão indispensável, entretanto para o profissional de saúde é visto como algo desnecessário. Sendo assim, há um conflito de opiniões e necessidades, o que é necessário para um é desnecessário para outro, o que resulta na omissão e perda de vínculo entre profissional e a pessoa doente, conforme relato a seguir.

*“ [...] Chimarrão a Márcia me tirou expressamente, ela me disse “não, chimarrão é uma coisa que não precisa”. [...] mas eu não digo para ela que eu tomo; tomo um ou dois, não abuso, tomo muito quando três assim e já paro [...].” Julia.*

Nesse sentido BERTONE; RIBEIRO; GUIMARÃES (2007) trazem que a comunicação do profissional com a pessoa enferma deve ser terapêutica, fornecendo compreensão, autoconfiança, empatia e tranquilidade. Portanto, é indispensável que o profissional desenvolva um diálogo à incentivar a pessoa para gerenciar o tratamento e mudanças no estilo de vida, de modo a colocar-se no lugar do outro, entender o seu contexto e necessidades, visando estratégias que contemplam construção de novos hábitos.

#### **O chimarrão é essencial para o convívio social**

Foi possível identificar que o chimarrão faz parte das relações interpessoais, sendo indispensável no convívio social. Dessa maneira, mesmo cientes de que para manutenção da saúde é necessário extinguir esse hábito, quando sozinhos não sentem necessidade de ingerir chimarrão, porém entre amigos surge uma necessidade de tomar tal bebida, como forma de socialização com as outras pessoas.

*“Eu gosto de tomar chimarrão, não tenho muito o hábito de tomar em casa, eu tomo na casa dos meus colegas, a gente está assim [conversando], a gente está sempre tomando [...]” Mário*

Essa forma de interagir com as pessoas ao seu redor, pode estar vinculada a necessidade de sentir-se aceito, de se sentir “normal”, já que muitos sentem-se a

parte da sociedade, pois de acordo com SANTOS; ROCHA; BERARDINELLI (2011) o tratamento de tal enfermidade ocasiona incapacidades emocionais que interferem na vida das pessoas limitando ou restringindo atividades do cotidiano. Dessa maneira, ao tomar a bebida, a pessoa pode sentir-se parte da sociedade novamente, nesse sentido, THOMÉ (2011) menciona que chimarrão é um gesto hospitaleiro que aproxima as pessoas, fazendo-as conversar e interagir entre si ao redor de uma cuia e uma chaleira, já NOERNBERG (2012), afirma a capacidade do chimarrão em unir as pessoas, constituir as relações interpessoais e possibilitar um vínculo de confiança entre aqueles que se colocam ao redor de uma roda de chimarrão. Portanto, mesmo tento inúmeras restrições e demandas do tratamento, tal bebida, mostrou-se essencial para interação e convívio social de pessoas com DRC.

#### **Práticas quanto ao consumo de chimarrão.**

A partir da análise dos relatos, mesmo impactados com a notícia da restrição da ingestão de chimarrão, continuaram a tomar a bebida utilizando-se de estratégias que para os mesmos não vão prejudicar ainda mais a função renal. Assim, alguns diminuem o tamanho da cuia, outros a frequência, sendo tais estratégia determinadas pela pessoa com DRC afim de continuar mantendo o hábito de ingeri-lo. Entretanto, muitos reduzem a ingestão sem saberem ao certo o porquê da redução e restrição, alguns apontam para o fato do médico não “gostar”, entretanto desconhecem a relação da ingestão líquida com o tratamento.

*“[...] E chimarrão, continua a mesma coisa, mesma coisa. Não sei se para mim não faz mal, mas não é assim muito chimarrão. Tomo uma, duas, uma cuia pequena [...].” Maria. “[...] a gente toma chimarrão, eu não tomo muito eu tomo uns dois só, e depois não posso toma mais, por causa da hemodiálise, da diálise, não pode tomar muito líquido né [...] Os médicos, não gostam que tomem, não sei, não sei por qual motivo que é não sei dizer [...]” Luisa.*

Sendo assim, as pessoas com DRC acabam em seu cotidiano aprendendo a auto avaliar-se, o que permite conhecer melhor seu corpo, nesse sentido ZILLMER; SILVA; MERCADO-MARTINEZ (2015) menciona que tal fato possibilita que o manejo do tratamento seja mais autônomo e com menos interferência no dia-a-dia, pois há identificação de suas próprias necessidades, inclusive o que devem ou não tomar. Dessa maneira, LAM; LEE; SHIU (2013), mencionam que a adaptação ao tratamento para a doença consiste em um dinamismo que é construído com o decorrer do tempo e adaptado a maneira de viver das pessoas.

Dessa forma, as pessoas em DP vão adaptando-se e criando critérios que irão determinar seus hábitos e costumes, observando seu corpo, a ação de uma ingestão abusiva, o que determina se costumes serão rompidos ou mantidos. Entretanto, nesse contexto, é importa que haja um conhecimento maior acerca dos efeitos da ingestão no organismo das pessoas com DRC para melhor adesão a um novo estilo de vida, conforme ROSO et al. (2013).

## **4. CONCLUSÕES**

A partir disso, o presente trabalho possibilitou conhecer o significado do chimarrão no cotidiano de pessoas que possuem DRC. Possibilitou ainda entender o que fazem para adaptar tal prática frente as condições impostas pela doença. Evidenciou-se que a bebida tradicional no Rio Grande do Sul é considerada para uns como um vício e para outros como forma de interação social. Também, que em alguns casos não está claro a relação entre a ingestão da bebida e a doença, entretanto, em outros, o critério de tomar mais ou menos líquidos e chimarrão está

associado ao autoconhecimento do corpo. Outros estudos necessitam ser desenvolvidos sobre o tema visto que aspectos culturais estão ligados à experiência de adoecer e ao manejo do tratamento na vida diária.

## 5. REFÉRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTONE, T.B; RIBEIRO, A.P.S; GUIMARÃES, J. Considerações sobre o relacionamento interpessoal enfermeiro-paciente. **Revista Fafibe On Line**, v. 3, p. 1 5, 2007.
- FORTES, V. L. F et al. O itinerário da doença renal crônica: do prenúncio à descoberta. **Rev. RENE**, v. 14, n. 3, p. 531-540, 2013.
- GRAEF, C.E et al. A influência da cultura nos hábitos de consumo de erva-mate entre universitários do noreste do estado do rio grande do sul. **Salão do Conhecimento**, v. 1, n. 01, 2013.
- HSIEH, H-F, SHANNON SE. Three Approaches to Qualitative Content Analysis. *Qual Health Res* 2005;15(9):1277-88.
- LAM, L.W.; LEE, D.T.F.; SHIU, A.T.Y. The dynamic process of adherence to a renal therapeutic regimen: Perspectives of patients undergoing continuous ambulatory peritoneal dialysis. **International Journal of Nursing Studies**, p.01-09, 2013.
- NATIONAL KIDNEY FOUNDATION. K/DOQI Clinical Practice Guidelines for Chronic Kidney Disease: Evaluation, Classification and Stratification, 2002.
- NOERNBERG, P. CHIMARRÃO E(M) CANOINHAS/SC: tomar, saber, fazer e comunicar. 2012. 185 f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- ROSO, C.C et al. O cuidado de si de pessoas em tratamento conservador da insuficiência renal crônica. **Texto & contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 739-745, 2013
- SANTOS, I; ROCHA, R.P.F; BERARDINELLI, L.M.M. Qualidade de vida de clientes em hemodiálise e necessidades de orientação de enfermagem para o autocuidado. **Esc. Anna Nery** , v.15, n.1, pp.31-38, 2011.
- THOMÉ, N. **Da Caá í, Congöi Ou Kukuai ao Chimarrão**. Caçador/Lages: Clube de Autores, 2011.
- ZILLMER, J.G.V; SILVA, D.G.V; MERCADO-MARTINEZ, F.J. Sobre o meu corpo mando eu! O manejo do tratamento na vida das pessoas em diálise peritoneal. **CIAIQ2015**, v. 1, 2015.